

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

## Os filhos do Buiça e os herdeiros de seu pai

Uma profecia que se cumpre — Os filhos do regicida — Os seus irmãos ricos — As recordações dos herdeiros — “O fado e a republica.”

O *Mundo* chama a atenção dos republicanos — e com alta razão — para o seguinte acontecimento e em termos que não queremos deixar de reproduzir :

«O *Diario de Lisboa* denunciava ontem o caso: o filho de Buiça, que é um pobre rapaz de dezasseis anos, a quem faltou a mãe aos quinze dias de nascido, vive na miseria — ele e a avó que o criou, uma septuagenaria que ainda trabalha para o Arsenal do Exército como costureira. O rapaz, que é um doente, faz recados. Faz recados e, quando calha alguém mostrar interesse pela sua sorte, não se lamenta com revolta, limita-se a um queixume de criatura que dir-se-ia aceitar o infortunio como uma predestinação irrevogavel... É triste. Não o dizemos revivendo odios que estão para sempre extintos, mas em pura obediencia a um sentimento que não teme invectivas, nem calunias: este rapaz merece, pelo menos — pelo menos! — a nossa piedade. A palavra propria não é esta; mas passe o termo... Francamente: não ha aí um republicano que dê, a troco de uma colocação cedida ao pobre rapaz, um pouco de pão para o resto da vida à velhinha que não deixou morrer de fome o filho de Buiça?»

Com efeito o que o filho do Buiça merece, por parte dos republica-

nos, e seus aderentes, não é piedade mas — já que o *Mundo* não teve coragem de o dizer, eu completo a frase — *gratidão*.

É extranho o caso desse degenerado estrabico e enfermo. Nascido sob a má sina, orfão, aos quinze dias de vida, filho de um assassino que, se não matasse o rei pelas costas, ensaiaria a sua arma noutras pessoas, neto dum padre sacrilego, tornou-se um ser de desdita carregado com dois formidaveis pesos: as suas taras e o seu apelido.

Todavia, à volta do seu berço, houve rondas infernais de alegrias, *sabbats* de jubilos e os grandes da revolta republicana fizeram promessas de corresponder ao que o regicida solicitara em seu testamento, escrito na vespera do 28 de Janeiro e que dizia assim:

*«Meus filhos ficam pobrissimos; não tenho nada que lhes legar senão o meu nome e o respeito e a compaixão pelos que sofrem.*

*Peço que os eduquem nos principios da liberdade, egualdade e fraternidade, em que comungo, e por causa dos quais ficarão, por ventura, em breve orfãos.»*

O garoto, filho do matador celebrado, figurou nos jornaes ao colo da irmã, o *Mundo* abriu uma subscrição para que ficassem ao abrigo da miseria, no futuro, os rebentos daquele terrivel homem de presa e de cilada e diante da sepultura do pai.— enquanto não desfilavam os regimentos — os republicanos, quasi reverentemente, ajoelhavam. Uma ternura coletiva de sectarios subia e o senhor Grandela, magnanimamente, tirou a familia Buiça do casebre das escadinhas da Saude e ofereceu-lhe uma casa em Bemfica, quasi ao pé da habitada, então, por um dos mais felizes herdeiros do Buiça... o senhor dr. Afonso Costa.

Quando me refiro a legatarios faço-o com toda a propriedade porque no fundo deste abandono do mancebo existe uma singular questão. São os herdeiros do pai pontapeando o filho que se queixa amargamente.

O caso é claro e como o tempo não é para cobardias vá de explicar tudo na nudez.

Buiça, que já por vezes tentara matar os que lhe acirravam o asso-madiço genio, fez da politica um pretexto para satisfazer seus instintos, segundos uns; conforme asseveram outros, o regicida — um monstro de honorabilidade — disparou a sua arma como um idealista, como um anjo de sacrificio. Eu tenho, tambem, a minha opinião, a intermediaria, porque não me cegam simpatias nem me agitam, quando trato da historia, sentimentos de odio. Seja como cada um quizer. O que não se póde negar é que o assassino deixou filhos e... bastardos. Os legitimos herdaram; os bastardos — Elvira e Manuel — andam por aí aos trambulhões da sorte enquanto os outros — os seus irmãos — teem sido os dirigentes desta terra que o regicida lhes deixou em testamento.

Os seus nomes? Os irmãos dos filhos do Buiça, dos que nasceram de seu amor, do ventre de sua mulher, não figuram no noticiario triste

dos jornais, mas antes rodeados dos mais pomposos e servis adjetivos; os gêmeos dessa carne de miseria e de infortunio, são os senhores de Portugal.

O da espera sinistra do Terreiro do Paço deixou-lhes o poder, as honrarias, o mando; selou, com as suas balas, o testamento sangrento em nome da republica, fê-los seus donos, matou para que pudessem vencer na vida, saírem do platonismo para o triunfo. Havia obstaculos diante das fomes dos adversarios do regimen. Eram-no o rei, o principe, o infante D. Manuel.

Suprimiam-se. Se não os topassem todos, um bastaria; morto D. Carlos a vitória seria certa. Foi-se para a caçada e abateu-se o soberano em holocausto aos que deviam ganhar com o seu gesto. Eles — em compensação — como não queriam receber a fortuna das mãos dum miseravel cognominaram-no de heroi. O sr. dr. Bernardino Machado, que desde então se habituou a proteger assassinos — o Leandro, e o que matou o tenente Soares — chamou a Buiça, Guilherme Tell; Junqueiro apelidou-o de regente do reino; o sr. Antonio Maria da Silva emprestou o seu nome para as acções compradas por subscrição publica e de que é possuidor o filho, o bastardo do assassino dos reis.

Insisto nesta bastardia porque — ao que se vê — não foram nem ele nem sua irmã os herdeiros após a tarefa do pai mas os outros, essa turba de dominantes sem talentos nem virtudes, as familias privilegiadas do regimen e seus miseraveis adesivos, toda essa horda vermelha de sangue que sem coragem para se bater ou manda assassinar ou se acolhe na treva gerada por matadores.

Os filhos que Buiça recomendou aos seus felizes irmãos andam ao Deus dará; os que mandaram os regimentos desfilar diante da campã do consagrado da embuscada, do professor improvisado, do fermento da republica, esqueceram os... espurios.

Os tiros tinham sido disparados só em seu proveito. Para que eles gosassem o regicida vestira o gabão que um republicano, hoje rico, lhe emprestara; escondera, debaixo dele a carabina, que outro adquirira para o fim terrivel a que se votara; para que nadassem na opulencia assaltou o monarca e do seu acto formidavel nasceu a republica, a qual tem sido o regabofe dos felizes que foram contemplados nesse legado do assassino.

O *Mundo* apela para a piedade dos republicanos, não se atrevendo a falar-lhes de gratidão, afim de socorrerem o seu irmão Manuel Buiça, que andava a fazer recados e só aos vinte annos terá o curto rendimento de 350.000 réis, pois tanto será o fructo anual dessa subscrição aberta ás escâncaras para pagar o crime. Ninguem o atenderá; o sr. Bernardino Machado nem deu um emprego aquele garoto apesar de o ter prometido à avó; o senhor Antonio Maria nem se lembrou mais do seu pro

tegido, o homem do gabão já nem quere que se lhe fale de tais contactos, os outros — os herdeiros de Buiça — os republicanos devoristas, seus adeptos, seus afins, repelem a solidariedade com esse homem que fez triunfar uns, tornou milionarios os outros, julgando serem mais gratos os que arvorava seus legatarios.

Não o são. Amou-se o assassino porque permitia uma larga situação aos seus cumplices Moraes, enaltecia-se e festejava-se porque fôra o auctor da ventura dos recémchegados ao mando — o seu verdadeiro pai — mas daí a lembrarem-se dos que ele deixou orfãos, numa trapeira da Mouraria, vai um abismo.

Outras cousas mais importantes — a supressão dos correliginarios honrados, como na cilada a Sidonio e no 19 de outubro, por exemplo, — preocupam os senhores que a Buiça, e só a ele, tudo devem. Nas suas almas não ha lugar para mais recordações, uns porque acham legitimo disfrutarem a paga duns tiros de cilada, outros porque sendo, então, monarchicos amaldiçoaram quem viera perturbar suas esperanças, e, além de tudo, ha casos de maior monta a toma-los. Os irmãos, para os quaes chamam a sua atenção, não passam duns pobretanas, duns reles destroços duma hereditaria fatalidade, indignos de seus olhares.

O destino dos filhos do regicida hade cumprir-se. Os herdeiros do acto terrivel de seu pai não os salvarão porque são egoistas, estão repasando e detestam sinistras lembranças do passado. Extranha ingenuidade é a do *Mundo* esperar que eles salvem um mendigo e uma desgraçada quando deixam no fado a propria desinfeliz republica.

# Os ossos do Marquês de Pombal

O passeio sinistro — Pombal e os seus admiradores — A «Memória» e os ossos do valído real — Os restos dos Tavoras — Singular apoteose

O cortejo maçónico que conduziu os ossos do mais reaccionario dos politicos para a igreja da Memoria, visinha da Ajuda, quiz apenas produzir seu efeito e não consagrar os despojos daquele que os homens rotulados de liberaes teimam em vêr como um dos precursores da liberdade.

No meu livro *Pombal Pupilo dos Jesuitas*, recentemente publicado, demonstrei, sem que a critica ou os defensores dessa balela dum Marquês jacobino pudessem vencer-me, as razões que me assistem para o considerar, alem de ultra religioso o maior dos perversos e um monstro da ingratição.

Apendiciando aquella obra acrescentarei outra demonstração: a da falta de respeito dos que escolheram aquele logar para recolher seus restos e a indiferença a que o votaram depois.

Sentiu-se, num dado momento, a necessidade de atirar seus ossos à cara dos que consideram afrontadores da memoria sinistra do ministro de D. José — de fidalgos, catholicos, da gente sensivel à ideia dos crimes que ordenou — e deliberou-se traslada-lo da capela propria de sua familia, da sua casa para uma igreja erguida pelo reaccionario como para se penitenciar na sombra da religião da carnificina de Belem. O Estado, que tem de Pombal a ideia dum socio fundador do Centro Democratico, que o imagina uma especie de Afonso Costa de cabeleira, em vez de entregar a capela da travessa das Mercês aos descendentes do terrivel politico decidiu dar-lhe por guarida a capela erecta no logar onde foram disparados os tiros contra o real amante da Tavora nova. E, então, num grande estendal de reclamos, com chamadas ao povo, que não acorreu, desfilou essa procissão hipocrita atraz duma ossada corroida.

Os agentes do Registo Civil, ministros, militares, *liberaes* largaram da riba ajudense para a Baixa e deixaram a meio do templosinho a urna contendo o esqueleto do despota guardado pela paz da casa do Senhor.

Jamais houve panteon mais improprio. Os ossos de Pombal não poderão ter socego nesse logar no qual os creados de Aveiro dispararam sobre a sege onde o rei ia com o Pedro Teixeira, seu alcaioite, deixando-lhe o logar de honra. No casal do alto, que o tempo ainda não arrui-

nou, na moradia do valido de baixa estofa, devia el-rei encontrar a amante. O ministro sabia perfeitamente desses amores do soberano; consentia, até, em fingir que estava trabalhando no gabinete régio, de luzes acesas, afim de não despertar a curiosidade da rainha tão ciumenta que em Salvaterra chegara a cravejar de chumbo o rosto do real esposo ao vê-lo numas assiduidades indignas á volta da honrada e linda duquesa de Aveiro.

Conhecia muito bem todo o enrêdo desses amores e tambem que os Tavoras não estavam nesse lugar onde se deu o atentado e se edificou mais tarde o templo; não havia duvidas no seu espirito acerca da ausencia dos fidalgos desse tragico lance da espera ao rei e, todavia, não hesitou em condená-los. Assistiu aos seus interrogatorios e aos *tratos esper-tos*, ao enroscar das cordas embreadas no garrotamento de seus braços e pernas, afim de, com os gritos de dôr, borbotarem as confissões falsas com o sangue. No seu espirito devia, tambem, ter nascido a certeza da innocencia dessa familia ou, pelo menos, a duvida acerca do que se propalara. Tudo se fizera por sua ordem; tanto os inqueritos a servos sumidos nos carceres misteriosos como o boquejar dos boatos. Tratava-se de aniquilar e não se deteve.

Passam os anos e os que se dizem amigos de seus actos pegam na sua carcassa e levam-na para o lugar onde ele quiz fazer aparecer criminosos gerando a perda de increpados; collocaram-na ali como um marco de remorso numa encrusilhada de ciladas, levaram-no para o sitio de que fugia em vida esse homem que da janela do palacio real vira subir os rolos de fumo do patibulo de Belem.

Fizeram aquella trasladação e retiraram-se; passearam os ossos pom-balinos e foram-se ás traficancias. A urna ficou no sitio do crime e, dentro em pouco, começou a corromper-se, a crear bolor, a abrir-se, as suas argolas, as chapas de cobre a saltarem da madeira apodrecida pela agua que cai dos telhados rotos sobre o caixão do ministro de D. José. É necessario embrulhá-lo em oleados para o salvar da maior ruina; é preciso envolvê-lo em serapilheiras para não ser corroido rapidamente e ficam à vista aqueles ossos que não topam descanso neste mundo como decerto não o tem sua alma.

Debalde se quiere cobrir a urna que o encerra; os panos não chegam para a salvar. Solicitam-se do governo, da camara, embreados para a defenderem da chuva e não se obtem resposta como se quizessem claramente deixar ao abandono a ossada do homem que tanto pretenderam ha pouco enaltecer.

Não quero ter a pretensão de que convenci. com o meu livro *Marquês de Pombal, Pupilo dos Jesuitas*, os próceres da republica; não quero imaginar que eles se compenetraram de sua religiosidade e despotismo. Seria grande vaidade minha ter com o fraco aço da minha pena feito scintillar fâscas nos cérebros dos dirigentes mas o abandono em que deixam o idolo de ha mezes parece ser prova da minha desconfiança.

No fim de tudo os ossos do marquês são despojos humanos. Como tal devem-se-lhe respeitos. Abandoná-los é um sacrilegio peor dos que ele praticou porque, ao menos, mandou que triturados e queimados, os ossos de suas vitimas fossem lançados ao Tejo de cujas aguas, talvez, bebidos nalguma nuvem, vão suas moleculas cair sobre a urna do carrasco arrazando-a no lugar onde o puzeram na apoteose de que resultou um mon-turo.

# Os cleptomanos e os ladrões

A moral dum rico — O roubo do Banco de Portugal — O fraseado e as acções — Os criminosos desculpáveis — A África das concessões e dos degredos

Um homem que mora numa linda casa, na praça Marquez de Pombal, cometeu um grande roubo. Chama-se José Rodrigues Basto e tem um deposito de 112 contos na casa Pinto & Sotto Mayor.

Não é em ladrão vulgar quem reside num dos mais belos locais da capital e quem possui tal quantia. O gatuno, por via de regra, não se rodeia de luxo no interior de sua residencia.; a sua vida é toda de lufalufa e por isso não aquece logar e ainda menos coloca dinheiro á sua ordem nos Bancos. Prefere esconde-lo, guarda-lo em sitio seguro para a retirada. É que o aventureiro dessa casta, embora não queira, sonha sempre com uma enxovia no Limoeiro ou com uma sobressaltada viagem de cara rapada se usava barba ou barbaçudo se era glabro, de terra em terra, de país em país. Daí o não lhe convirem de maneira alguma cousas fixas; nem residencias nem depositos de dinheiro.

Claro que mora nalgum lado mas não se rodeia de conforto. Geralmente, tambem, não escolhe sitios muito em vista para se asilar. Um ladrão que mora na Praça Marquez de Pombal e possui 112 contos de reis no Pinto & Souto Maior, é digno das atenções gerais.

Este José Maria Rodrigues Basto não é qualquer, não se trata de uma vulgaridade, dum dos habituais clientes da Boa Hora, dum banal melcatrefe que começou por larapiar botas ou sacos de ramagem e se aventurou depois, em mar mais alto.

O homem até se desentranha em frases sentimentais, tomado de escrupulos ante os fotografos das gazetas.

— «Não... Não... Os senhores não tem o direito de me tirar o retrato... Tenho em casa uma velhinha, minha mãe e uma inocentinha dum ano... É comovedora a atitude; é enternecedora a evocação, porem, não condiz com semelhantes dizeres o acto praticado por esse homem que vive rodeado de luxo e tem, num Banco, o deposito valioso de 112 contos de reis.

Lisboa está envolta num halo de crime. Não me venham dizer que foi da guerra que veio essa epidemia de ladroeira, de assassinio, de envenenamento pelos generos. Ela apenas tornou mais bastos os criminosos;

eis tudo. A febre de roubar e de medrar á sombra no roubo appareceu quando a justiça deixou de punir com severidade. A primeira esperanza para os bandidos nasceu quando se libertou Leandro, o incendiario.

Talvez já não se recordem da infamia desse homem rico que induziu um desgraçado seu devedor a lançar fogo a um armazem de fazendas, afim de receber do seguro quantia pingue para, depois, lhe pagar o seu debito. O pobre assim fez; o predio, onde armazenava os seus bens, foi pelos ares e morreram muitas pessoas. Quando se viu preso, o criminoso narrou tudo e arrastou consigo o verdadeiro culpado de tantos horrores. Era um grande rico. O caso produziu sensação e enquanto um — o humilde — ficava na Penitenciaria, o bandido autentico aproveitava o indulto que o governo do sr. Bernardino Machado lhe offerecera. Leandro, o incendiario, recebeu semelhante protecção e daí por diante todos os que albergam na alma instinctos perversos deitam as suas contas a egual benevolencia. Antigamente não se sahia assim das garras da justiça e daí não serem tão frequentes os crimes.

O dr. Vieira de Castro, que era um advogado ilustre e um escritor celebrado, assassinou sua esposa num momento de delirio ciumento. Tinha amigos nas mais altas camadas; e não pode deixar de cumprir o seu degredo. Urbino de Freitas, recebeu o indulto mas só ao cabo de muitos anos do uso do capuz penitenciario. Com o Leandro foi-se duma generosidade que gerou o incitamento ao crime. Houve, depois, outras transigencias de menor tomo com alguns emparceirados em delitos e daí por diante, as hesitações dos tentados pelo crime, diminuíram.

Senão vejamos. Quando ha memoria dum homem instalado na vida de tal maneira que lhe permite ter 112 contos de reserva se pôz a roubar malas nos bancos?

Este homem conta com a impunidade; enche-se da certeza de que pagará á justiça a sua absolvição, e, embora seja condenado, porque não são os juizes que se vendem, o Basto arranjar-se-ha para um indulto empregando alguma das suas toadas sentimentais.

Os jornais ligaram pouca importancia ao facto; não tiraram conclusões desse acto dum rico roubando para mais se enriquecer, trataram-no como se fosse o *Pinguinhas*, gatuno de golpe ou o *Lavancas* vitrinario de nomeada, quando ele merecia mais prosa.

Então reside-se na praça Marquez de Pombal, onde os alugueis são carissimos, possui-se uma continha calada à ordem numa casa bancaria, vive-se rodeado de luxo e anda-se na sombra dos cobradores a roubar como um humilde que não tem onde cair morto? Os crimes dos que não necessitam de os praticar deviam ser castigados com duplas penas.

Perguntar-me-hão se ha direito a fazer delictos; se existe necessidade que justifique o crime? Respondo que sim; abertamente o digo. Sim. Ha justificações para aquilo que a sociedade considera crimes, desde que se pratiquem em certas condições. Por exemplo: um desgraçado no desvaivamento da fome, e que rouba; um sentimental, no auge do ciúme, diante duma certeza de que lhe mancham o seu amor e que mata; um explorado que chega ao fim da vida e vê o explorador entronisado ao passo que ele tem como unico asilo o hospital; diversas criaturas do lodo humano que tem fome, que sentem por si a consciencia com que dão seus esses passos, não são desprezíveis nem mesmo aos olhos dos acusadores.

Não é o caso desse Rodrigues Basto, novo, forte, quasi rico, e que rouba.

Numa sociedade onde um individuo, possuidor de 112 contos, se arrisca à cadeia para obter mais sem esforço que se pode esperar dos que trabalham e veem os outros enriquecer roubando?

Naturalmente o que eu estou aqui exigindo para esse ladrão de luvas, de gravata, frases sentimentais, não teria a coragem de o solicitar para qualquer desditoso.

Essa classe burgueza, a que pertence o habitante do predio da praça Marquez de Pombal, não costuma descer à praça publica para cometer os seus maus actos. Este é um transviado; é um producto da sua epoca, um ser de goso, de boa vida, que acredita na impunidade e busca comover com a evocação da sua familia, para a qual devia honradamente trabalhar, e cujo nome sujou com o seu delicto, maior, dez vezes, maior, do que o praticado pelo primeiro esfaimado que roube, ou pela primeira vítima viva da ida para a guerra que aborde um dos empresarios dessa infame leva da morte.

O homem que cometeu aquele roubo era quasi rico. A justiça deve ser implacavel. Bem sei que vai ficar pobre e esse será o seu maior castigo. Na esperança de se salvar, pagará bem; levantará o seu dinheiro, fa-lo-ha correr de mão em mão como um agente corruptor e acabará a roubar bananas aos negros, no degredo, desde que não soube tirar proventos da fortuna que, nas mãos dum honrado trabalhador, prosperaria e tornaria feliz quem a soubesse empregar.

Eu falei no degredo . . . Fi-lo num habito da justiça doutra sociedade. Não. Ele se fôr à Africa talvez o faça como concessionario dalguns terreno em Angola.

E' que eu já ouvi chamar-lhe: «um pobre cleptomano».

## Quanto custa um ponta-pé bem dado?

**Uma moda nova de ganhar dinheiro — O processo da pancadaria — Quem serão os árbitros dos espancamentos — A gente de ganhar e os sócos — Um tributo sobre os cachações**

Um oficial de marinha, cujo nome ignoro, acaba de tomar uma original resolução. Exigiu da policia a quantia de 30 contos por ter sido agredido por um membro desta colectividade.

Não sabia que a pancada tambem tinha cotação no mercado, mas este processo singular vem tirar-me as illusões.

Se houvesse duvidas de que vivemos num tempo de mercantilismo, tal deliberação do militar viria cancelar certesas.

Antigamente um policia não se atreveria a atacar um oficial. A profissão das armas impunha-se com o maximo respeito e bastava um individuo declarar-se pertencente ao exercito ou à marinha para receber todas as deferencias.

Os guardas civis não se metiam a sovar senão os gatunos e os vadios, aos quais cortavam as melenas e as calças de bôca de sino. O militar passava nas ruas entre considerações e se um dos agentes da ordem se atrevesse a tocar-lhe, receberia como resposta duas vergastadas ou um tiro, conforme o genio do insultado, o qual seria absolvido em todos os tribunais.

Era assim, mas tambem jámais um oficial se lembrou de solicitar dinheiro por tal motivo, medindo por quantias determinadas os sócos, os ponta-pés, as bofetadas, enfim, todos os componentes do espancamento.

Uma das cousas que gerou o meu reparo, ao lêr a noticia do processo intentado pelo capitão-tenente à policia, foi o embaraço dos juizes perante a quantia pedida. Quando um individuo deteriora, rasga, destroi qualquer objecto costumam louvar-se peritos para a avaliação dos estragos e o mesmo sucede quando o fogo ou a agua aniquilam propriedades,

searas, carros, rebanhos, animais domesticos e teem de intervir, para o pagamento, as companhias de seguros.

Naturalmente no caso presente tambem ha de fazer-se avaliação; de certo serão chamados peritos e terá logar um exame directo para a applicação da tabela.

Mas que especie de tabela será essa? Quem a decretou? Quem serão os avaliadores? Individuos habilitados a dar lambada, guardas-republicanos, por exemplo, ou os que teem, por má sina, levá-la?

Neste ponto o tribunal deve vêr-se devéras embaraçado.

Quem dá é um pródigo que distribúi à larga e sem conta nem medida. Arroja pelas janelas aquilo que os outros chamam desperdicios, estroinices, destempêros. Essa gente é má louvada para avaliações. Faz tudo prodigamente. Dêste modo não servem nem os generosos nem os valentes para se pronunciarem âcerca do preço dum movel quebrado ou duma cara partida.

Restam os que recebem os beneficios ou as pancadas. Tratando-se de cousas boas acham sempre pouco; os bofetões consideram-nos demasiados. A peor bitola para decidir sobre o preço dum pontapé é a dos que costumam levá-lo. Primeiro valorisam a dôr, segundo, a raiva, terceiro, a nodoa negra, quarto, a arnica, quinto, a vingança, sexto, a publicidade maior ou menor do acto, e, se não mete em linha a vergonha, é porque quem leva e não dá perdeu de ha muito esta virtude. Mesmo quando fosse um gigante o espancador, a desforra teria que se dar, porque desde a invenção das armas de fogo acabaram-se os prodigios de valentia.

Parece que demonstrei não servirem para avaliar do preço dos cachações nem os que os distribuem e menos quem os recebe. Como se vai, pois, verificar se vale um conto de réis, ou mais, uma bofetada, como se vai tabelar um empurrão, como se vai valorisar um sôco? É conforme a nodoa negra? Realmente torna-se mais embaraçosa a catalogação do que o esquecimento da sova, mesmo quando é dada por um policia. Tenho a impressão de que o tribunal, ante o qual se põe semelhante pleito, se dará por incompetente, já porque os juizes não podem deixar de ter embaraços diante da qualidade e da quantidade da bordoadada distribuida, já porque não é possivel tabelá-la como ao grão, ao feijão e outros generos de comida.

Gostaria de saber em que se baseiam os individuos agredidos, para assegurar que o espancamento de que foi vitima vale 30 contos e não 29 ou 18. A como faz o preço aos murros, aos estalos, aos rasgões no fato? É conforme a parte do corpo em que foram recebidos? Por exemplo, um ponta-pé no logar onde eles costumam encontrar mais amplidão para fazerem seu efeito, quanto custa?

Se fosse possivel chegarmos a essa segurança de preços haveria

quem vivesse exclusivamente de tal industria e até quem fizesse a alta e a baixa do genero de espancamento. Dentro em pouco, por essa Lisboa alem, não haveria senão provocadores. Instalados nos passeios ou atravessando as ruas com ares insolentes ou dando-nos encontrões, eles andariam em seu trafico como as perdidias que vagueiam às noites e quando a mão ou o pé do provocado exercessem sua acção vingadora, eles, radiantes, satisfeitos, felizes, delirantes, iriam insultando na proporção da quantia de que carecessem e gritariam, no intervalo das palavras de ganhar, para as testemunhas ocorridas:

— Olhem que eu não bati, só levei... E, depois, consoladamente: Dez sôcos, vinte bofetadas, dois murros nos olhos com luzinhas e nodoas roxas!... Que felicidade! Isto pela tabela A chega para ir a Paris... O demonio, porém, é a impossibilidade da valorisação, apesar do official que iniciou este sistema teimar em que levou uma sova no valor de 30 contos sem contar as que caíram no chão.

Aguardo, anciosamente, a decisão do tribunal para o qual recorreu o maguado, pois, de futuro, se a cousa pegar nos termos em que ele deseja, é necessaria muita cautela quando tivermos de levantar o pé ou a mão, pois num país de mandriões levar pancada tornar-se-á um modo de vida, o qual — daqui o diremos ao governo — não pode escapar aos novos tributos. Mas não terá sido esse pedido de indemnisação uma *blague* jornalística?

# As acusações do pinhal encantado

Um discurso, uma entrevista e uma carta—  
Conclusões amargas — Evocações doces — Das  
florestas lendarias aos pinhais — A inutil obra  
do govêrno

A inutil obra do govêrno . . .

Dêste modo, no cúmulo do pasmo, falava alguém que acabára de lêr uma carta do ministro da Agricultura àcêrca dos lucros fabulosos da Moagem, que foi publicada no *Diario de Lisboa* e a qual dizia assim:

«Sr. Director. — *A proposito da minha entrevista publicada ontem no seu jornal, em que pretendi provar que uma industria, que foi reconhecidamente nociva, como é bem sabido, ao Tesouro Publico, se tinha constituido em bases que se não podiam manter logo que lhe falhasse o pão politico, vem hoje nos jornais um protesto a que não quero deixar de responder.*

*Pretendi eu dizer que essa industria se tinha sempre livrado das fiscalisações e de todas as durezas das leis que, com as melhores das intenções, foram promulgadas; que o pão politico com que se pretendeu servir a população de Lisboa, só utilisou a Moagem; que com esses lucros ela se desenvolveu a ponto de pretender estabelecer o monopólio dessa industria, com grave prejuizo para o consumidor e por ultimo que as Direcções fizeram fortunas fabulosas, ao passo que os acionistas vêem as suas ações depreciadas.*

*Acrescentei mais, e isso não vinha na entrevista, que a Moagem está ganhando demais, porque medidas posteriores, após a minha saída, impêdiram a luta de concorrência que eu pretendia estabelecer e era a maneira indirecta, a meu vêr, como eu pretendia baratear o pão.*

*Que parte desses Directores saíram foi-me por eles proprios notificado e, quando fiz essa afirmação não pensava no Dr. Correia Gue-*

*des, que também saíu e cujas qualidades de trabalho e intelligencia são por todos reconhecidas.*

*No entanto, com essas qualidades progrediu, porque não ha muitos anos, segundo me consta, era escriptorio no cemiterio de Algés, o que não deshonra ninguém, seja dito.*

*Por fim, cumpre-me rectificar que não sou dos maiores lavradores de Portugal, como dizia o Diario, pois não chego a ser o maior proprietario da minha freguezia.*

*Com a maior consideração sou, de v., etc. — Joaquim Ribeiro.*

*P. S. — Pelo que respeita ás dividas da Moagem preferimos, por emquanto, guardar um silencio prudente, silencio que quebraremos, logo que o julgarmos conveniente.*

Trata-se da prova de «que uma industria foi reconhecidamente nociva, como é bem sabido, ao Tesouro Publico», afirma a ministro. Pergunta-se. Não ha maneira de a fazer pagar?

Por que razão se fica apenas num pouco de barulho à volta duma carta e numa banalidade de medidas que não resolvem a situação?

Continua o titular da pasta a explicar que «essa industria se tinha sempre livrado das fiscalisações e de todas as durezas das leis que, com as melhores das intenções foram promulgadas».

Ela continuará a sonhar com tipo unico como com os outros de maior sortido.

Áqueles que, por vezes, me veem mostrar os moageiros como benemeritos da industria, eu ofereço, depois da carta do ministro, a seguinte evocação:

Naquele tempo das descobertas e das conquistas foi certo soldado de aventura mais longe do que seus camaradas por um bosque esplendido, formosissimo, cujos arvoredos rescendiam e cujas sombras deleitavam. A sua missão era prender o soberano desse reino misterioso, cujo palacio êle avistava. Tinha jurado a seu viso-rei conduzi-lo, de corrente ao pescoço, humilhado ao seu poder, e, então, deixando os seus companheiros de armas a caminhar em seus passos, arriscou-se bravamente mais excitado à medida que reparava nas belezas que cercavam essa residencia dum potentado.

Devia gosar largamente a vida na paz dulcissima daquela floresta e, se como diziam, as huris o serviam de joelhos e os escravos estavam prestes a obedecer a todos os seus gestos, não havia na terra realza mais satisfeita, tampouco mais feliz.

Mas, se era assim, porque ia êsse soldado perturbar a magestade tranqüila, ali acolhida, o monarca pacifico, albergado nas sombras vastas daquele retiro imenso?

Não ia ali por mera curiosidade nem por um instincto de rapina.

Em nome da honra superior dos povos civilizados e heroicos êle chegava, com o exercito, a fazer justiça. Esse rei da selva perfumada era um pilhante, neto de corsarios, pirata, por sua vez, que possuia armadas nos mares, as quais se apoderavam de riquezas para êle, tranqüilamente, a gosar nos seus paços, pois alem de rei era tambem o Kalifa, o chefe da religião, que mandava cercar de pompas o seu primeiro sacerdote.

Subiam molhadas, e doloridas, as queixas das extorsões feitas em seu nome e para seu regalo, soavam maguadas as vozes acusadoras, não havia nos mares monstros mais perigosos, do que os vassallos desse monarca de face olimpica e gestos serenos, alimentado a sangue transformado em regalos, numa serenidade de justo, na calma da amiga natureza.

O soldado avançava; uma grande doçura passava na atmosfera; um odor suave—mais do que um perfume, um aroma inebriante—o deliciava; e êle, que vinha do calor, dos agrestes caminhos, sentiu-se amolentado, tomado dum grande desejo de passar o resto da vida nos logares de repouso em vez de a empregar nos rudes serviços da guerra.

Aquilo, porém, durára pouco; fôra como um rapidissimo assomo de desejo, logo dissipado à idéa da justiça a realizar. Todavia, como um espinho de piteira ou de rosa—iguais ao maguarem—aquela idéa de seu socego penetrára-lhe na mente ao penetrar no bosque rescendente.

A pouca distancia erguia-se o palacio; sentia já o som dos passos dos seus homens, e, enchendo-se duma colera mais funda à lembrança dos crimes que davam aquele goso, ia avançar à esculca do melhor caminho para aprisionar o facinora coroadado, quando, com um bom sorriso nos labios, cheio de graça e de simplicidade, lhe appareceu um homem a convidá-lo ao repouso na residencia cujos terraços estavam cobertos por largos toldos de branco linho e resumavam fresquidão dos repuxos que cantavam nas suas sombras irisadas pela luz do formoso dia.

Era o rei daquela terra e oferecia seus prestimos ao caminheiro. Sem pasmo nem sobressaltos viu chegar a primeira hoste que esperava um sinal do rude soldado de aventura dedicado à idéa da justiça a fazer e estendeu seu convite a essa vanguarda guerreira.

Numa voz rouca, brutal, violenta disse-lhe o chefe qual a missão que o trazia, falou-lhe de seus crimes e de seus montões de oiro nascidos dos assaltos, gritou-lhe as ordens do visorei e o outro, no mesmo ar simples, simpaticamente, sem se justificar, continuava o oferecer-lhes de beber, o descanso, o banho, pois não deviam ter gosado, desde ha muito, e agradavel prazer de refrescarem as gúelas e o corpo, nas suas pesadas lides de combatentes.

Tornava a explicar-lhe quais as suas idéas, falava-lhe da furia que enchia a terra inteira contra êle e porque os seus companheiros vinham em nome dos ofendidos e dos saqueados cumprir um dever exigido pela

razão. O rei continuava impávido, sem negar, apontando-lhe seu paço, deixando as brigas, os maus negocios para depois.

Não queria ceder, mas umas vozes se erguiam a tentá-lo; um susurro dos labios da soldadesca cançada parecia aconselhá-lo a aceitar um pouco de socego, guardando bem à vista o homem do mal que se lhe entregava.

Dentro em minutos o exercito inteiro ressonava em fôfos coxins. Cada soldado tinha nos braços uma huri do soberano, tunicas novas de boa seda os vestiam; em seus labios, com o sabor dos beijos, ainda restava o gosto e o perfume das viandas e dos licores, e, na sua sonolencia agradável, sonhavam com o paraíso, com o pescoço preso nas cadeias da carne feminina e odorosa e tambem engrilhoados de oiro. O famoso cabo de guerra da aventura refastelava-se num divan vasto como um leito aos pés do trono e jámais houvera nos labios do monarca, que dominava do alto do solio, sorriso mais doce, mais tranqüilo, mais inefavel.

Debalde o viso-rei esperou pelas suas mesnadas. Cada vez que enviava gente para castigar, ela ficava lá, nas mesmas posições de goso, no mesmo encanto do prazer, servida por beldades, sorvendo delicias, comendo manjares esplendidos, embriagando-se com nectares desconhecidos, hospedes daquele monarca tão mau, mas que oferecia cadeias de oiro e mulheres, com a mais encantadora bonomia.

Nem parecia um chefe de piratas; um kalifa de ladrões.

Não negava os seus feitos mas, em troca, mostrava os seus deleites. Todos o aceitavam e o serviam. Mandavam-se guerreiros contra êle, transformava-os em eunucos, e feliz, radiante, devastador e a esta hora ainda existem seus descendentes no fundo da sua floresta encantada, do seu pinhal de sortilegio.

Chama-se a Moagem.

Era esta historia antiga que o sr. ministro da Agricultura queria contar à Camara ao pronunciar a sua frase:

*«Pretendi eu dizer que essa industria se tinha sempre librado das fiscalisações e de todas as durezas das leis que, com as melhores das intenções, foram promulgadas.»*

Não o narrou como o deixo aí escrito: foi rude. A Moagem, apesar de um decreto, não se deixará fiscalisar. O proprio Parlamento é capaz de não ter gostado do gesto ministerial. Prefere, sem duvida, os do rei do sorriso tranqüilo, que lhe acena do fundo do seu pinhal.